Edimburgo 2010:
Reflexões sobre a Comissão VIII e o CMI

Rev. Dr. Samuel Kobia

À medida que nos aproximamos do centenário da Primeira Conferência Missionária celebrada em Edimburgo em 1910, vários grupos se preparam para comemorar aquele evento transcendente. Os evangélicos, agrupados pela Aliança Evangélica Mundial (AEM) e, sob a inspiração do movimento de Lausane, se preparam para Lausane III na Cidade do Cabo (16-25 outubro de 2010). De outra parte, igrejas ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) colocaram em marcha um processo de reflexão espalhado por todo o globo, cujas sínteses serão trazidas a Edimburgo de 2 a 6 de julho de 2010.

Nós de Misiopedia queremos, humildemente, contribuir à reflexão missionária e lançar pontes entre as várias correntes cristãs. Propomos ao amável leitor a leitura crítica do discurso do Dr. Samuel Kobia, ex-presidente do CMI, apresentado no dia 27 de abril de 2007 em Edimburgo, e julgar por si mesmo e por si mesma.

Tomamos a liberdade de perguntar a você: Em realidade, estamos tão afastados? O que aprenderemos da história de Edimburgo 1910, de suas motivações e conclusões? Você estaria de acordo com as observações e recomendações do Dr. Kobia?

Misiopedia agradeceria seus comentários e opiniões.

Bênçãos do Altíssimo!

Palestra do Dr. Kobia

Edimburgo, 27 de abril de 2007.

Edimburgo 1910 visivelmente confirmou a paixão por missão que marcou o século XIX e a paixão por unidade, que veio a se tornar uma das principais características do século XX. Missão e unidade – duas heranças de Edimburgo. Qualquer desequilíbrio entre elas não faz justiça à visão da Conferência ou à história cristã dos últimos 100 anos. O relatório da Comissão VIII mostra a relação entre ambas de um modo surpreendentemente atual, como eu vou demonstrar indicando como algumas das maiores preocupações dessa comissão foram tratadas nesses últimos 100 anos. Eu também introduzirei uma discussão sobre alguns dos maiores desafios que nós enfrentamos

El Dr. Samuel Kobia (1947 —), de la iglesia Metodista de Kenia, ha sido Secretario General del Concilio Mundial de Iglesias desde 2004 hasta 2009. Traducción Ted Limpic.

hoje.

1. Parceria, disciplina dentro da igreja e a cura de relações injustas

O relatório e a discussão da Comissão VIII enfatizam a importância da "cortesia", das discussões e regulamentos entre sociedades de missões de diferentes nacionalidades e denominações para encontrar acordos sobre os "campos missionários", a fim de evitar a duplicação dos esforços missionários. O principal objetivo era lidar com a inadequação das forças no que diz respeito à tarefa de trazer o Evangelho ao mundo todo. A comissão insistiu na importância de conhecer um ao outro, de consultar, discutir e entrar em acordos meios essenciais de evitar perda de tempo e de recursos financeiros e humanos. O relatório ainda critica muitas políticas desconcertadas, a ignorância mútua, a sobreposição e a competição entre os atores em Missão.

No entanto, é importante destacar quantos esforços para o conhecimento mútuo e maior cooperação já existiam nos anos anteriores à Conferência de Edimburgo. Os participantes puderam construir, a partir de histórias de sucesso vindas de diferentes partes do mundo, particularmente da Ásia, modos concretos de organizar cooperações entre missões, com exemplos de normas internas de conferências ou regras e regulamentos de encontros. A Conferência de Edimburgo uniu esses esforços e esperou que eles se multiplicassem. Também expressou o desejo de ter as missões e igrejas relacionadas oficialmente envolvidas.

Lendo o relatório quase 100 anos depois, algumas coisas chamaram a atenção:

O questionário enviado aos missionários como preparação para o trabalho da comissão é muito interessante. Foi dada muita atenção, por exemplo, à potencial diferença de opinião entre missionários e "nativos". Nós sabemos que eram poucos os cristãos do Hemisfério Sul presentes em Edimburgo. A voz deles não foi ouvida como precisaríamos hoje. Mesmo assim, o cuidado em tentar encontrar potenciais diferenças é notável e é uma amostra da futura parceria cultural. Os responsáveis pela comissão inclusive incluíram perguntas sobre relacionamentos com Católicos Romanos no questionário e antes de Edimburgo também contataram o Arcebispo Nicolau da Missão Eclesiástica Russa em Tóquio.

Os responsáveis pela comissão sabiam das vantagens da liberdade missionária total, mas enfatizaram os obstáculos criados por evangelistas *free-lancers* que não estavam dispostos a aceitar restrições através de acordos. Isso também é um indicador das tendências futuras.

As sociedades de missões viram a urgente necessidade de encontrar delimitações territoriais entre eles e também que novos grupos que pretendessem entrar num país em que já existem grupos ativos discutissem com eles e chegassem a um acordo prévio. Nos planos centrais estava o respeito pela Igreja local.

O cuidado com o qual os participantes da Conferência entraram em detalhes na discussão das melhores práticas de cooperação e delimitação de tarefas mostra o quanto a posterior discussão sobre sociedade e disciplina ecumênica tem raiz nas deliberações de Edimburgo.

Destaques do debate desde 1910

Duas decisões importantes tomadas em Edimburgo tornaram essa conferência em um ponto de partida simbólico do movimento ecumênico: a criação em 1912 do *International Review of Missions* (Revista Internacional de Missões) e do Comitê Interino que em 1921 levou ao Conselho Missionário Internacional (International Missionary Council). Como muitos estudiosos têm sublinhado, a institucionalização da comunicação e coordenação entre atores missionários fez a diferença entre Edimburgo e as conferências missionárias mundiais anteriores no final do século

XIX e no começo do século XX.[1]

Deixe-me destacar alguns **importantes marcos** no progresso da cooperação entre igrejas em diferentes regiões do mundo. Eu considero o termo **parceria**, introduzido no debate missionário no final dos anos 40 (Whitby 1947), como um marco importante de mudança, ao ponto de isso estar ligado a uma mudança de linguagem, afastando-se da idéia de igrejas "mães" e "filhas" ou de países que enviam e recebem missionários. O Conselho Missionário Internacional progrediu muitos anos através de um claro reconhecimento da igualdade fundamental de todos os parceiros na missão mundial. É claro que a terminologia "parceria" era de algum modo ambígua já que foi usada nas políticas do Império Colonial Britânico[2] e poderia ser interpretada no sentido de permitir a autonomia do Sul ao reter o poder do Norte. Essa ambigüidade permanece até hoje particularmente porque essa terminologia é mal usada em muitos círculos.

Tanto o movimento de missão quanto o ecumênico se esforçaram para lidar com essas questões durante os anos 50. Corpos missionários afiliados ao Conselho Missionário Internacional tendiam a reduzir fortemente a presença e a influência missionária buscando o aumento do autogoverno de igrejas locais. No mesmo período dos anos 50, no entanto, instituições diaconais foram criadas para ajudar refugiados e países danificados depois da guerra. Depois do trabalho de reconstrução imediata ter sido feito, essas organizações estenderam suas operações na direção dos países do hemisfério sul. Assim, nos anos 50 podia-se testemunhar duas dinâmicas. Apesar de os corpos missionários ligados ao Conselho Missionário Internacional tenderem a reduzir suas atividades diretas para deixar o controle da missão para as igrejas locais, os departamentos internos das igrejas em nível nacional e internacional[3] aumentaram seu envolvimento diaconal nesses mesmos países. Eu não hesitaria em dizer que nós ainda estamos lidando com dificuldade com as conseqüências dessa dinâmica dupla.

A tentativa mais radical de colocar a parceria ideal em prática aconteceu no começo dos anos 70. Como conseqüência da falência da primeira década de desenvolvimento e da crescente injustiça entre Norte e Sul, igrejas parceiras no sul clamaram por soluções radicais que repercutiram internacionalmente na Conferência de Bancoque em 1972/73. Representantes da Ásia e da África advogavam a idéia de uma **"moratória"** consistente em chamar aos países de origem os missionários estrangeiros por algum período e parar de transferir recursos financeiros das igrejas ricas para as igrejas pobres durante esse tempo. As pessoas e os recursos seriam usados para mudar as estruturas de injustiça nos centros de poder de modo que lidassem com algumas das causas principais de injustiça entre Norte e Sul. Esse limite de tempo de "ceticismo" em missões poderia também criar um espaço de liberdade para igrejas de culturas não ocidentais, permitindo-as desenvolver teologias, regras da igreja, éticas e espiritualidades que realmente tivessem origem em suas próprias identidades culturais, sem a imposição de nenhum outro lugar.

A moratória foi muito pouco posta em prática, mas trouxe sérias conseqüências. Onde imposta, geralmente por autoridades políticas, a moratória eventualmente provou dar frutos para o desenvolvimento da igreja, como na China. Suas propostas eram tão radicais que mesmo quem mais a advogava não a colocou em prática nas suas próprias igrejas e organizações. No hemisfério Norte, ela permitiu que muitas pessoas se envolvessem em movimentos de defesa da justiça e da paz. Entretanto, isso também reforçou um crescente clima anti-missões nas igrejas. Essa publicidade negativa da missão tradicional influenciou toda uma geração de pastores e militantes nas igrejas, levando muitos deles a criticar as missões e o evangelismo enfaticamente até os dias de hoje.

---

1 Cf. Keith Clements em Oldham

2 Bauerochse

3 como DICARWS no CMI

Uma importante alternativa à moratória também foi levantada na conferência de Bancoque. É a **mudança estrutural da Missão de Paris** que levou à criação da comunidade de igrejas em missão, chamada Cevaa, na qual todas as igrejas parceiras envolvidas dividem o poder de tomada de decisão, independentemente dos recursos colocados por cada uma delas no fundo comum. Na Cevaa, e depois em outras comunidades de missões semelhantes como o Conselho Mundial de Igrejas, as mudanças estruturais carregam a marca da justiça transformativa através da mudança do poder de tomada de decisão pela divisão de recursos financeiros e humanos entre as igrejas do Norte e do Sul. Eu acredito que isso foi uma tentativa de "melhor prática" realizando alguns dos sonhos da Comissão de Edimburgo VIII. Infelizmente, isso não recebeu a atenção que merecia, particularmente na América do Norte, na Europa do Norte, nem entre círculos de missões evangélicas nem entre aqueles que criticavam as missões.

Esse modelo de compartilhamento na missão foi adotado pela Comissão sobre Missão Mundial e Evangelismo e o CMI como um todo e levou a programas tais como o Compartilhamento Ecumênico de Pessoal e o Compartilhamento Ecumênico de Recursos. A culminação desses esforços foi a declaração adotada em **El Escorial em 1987** providenciando a estrutura e a fórmula para uma disciplina ecumênica holística da divisão do poder, recursos e pessoas nas relações entre igrejas nas diferentes partes do mundo. I definitivamente afirmaria que El Escorial e textos similares representam, claro que na linguagem do período deles, o que o movimento ecumênico desenvolveu como conseqüência direta de seus alvos e esforços de 1910. A CMME (Comissão sobre Missão Mundial e Evangelismo) deu a fórmula missiológica no capítulo 6 de seu texto "Missão e Evangelismo na Unidade Hoje" do ano de 2000[4].

Quais são os **desafios** agora sobre essas questões? Infelizmente, desenvolvimentos políticos, econômicos e culturais do final dos anos oitenta e dos anos noventa prejudicaram esses notáveis esforços de autocontrole, respeito pelo parceiro e disciplina comum. O desenvolvimento do **mercado da caridade** e a aumentada atenção da mídia às ações, a explosão do número de organizações internacionais, a renovação do individualismo em particular nos contextos culturais pós-modernos e a tendência das igrejas do Norte de abandonarem o efetivo controle do desenvolvimento do trabalho a agências relativamente independentes levaram a tendências bem opostas aos ideais de El Escorial. A crescente necessidade de ser bem-sucedido, eficiente, rápido bem como interpretações excessivamente tecnocratas de planejamentos, monitorações, avaliações e relatórios prejudicaram o modelo de parceria compartilhada. Antigas práticas de relações bilaterais (para não dizer "coloniais") voltaram à cena permitindo que projetos fossem facilmente controlados pelos doadores e em resposta aos seus objetivos. Não é sem preocupação que pode-se observar hoje como as estratégias de controle de parcerias de missões do passado são reinventadas hoje.

Além disso, o impressionante crescimento de **missões pentecostais e neo-carismáticas** (tanto no Norte como no Sul) mostra o quão limitados são os esforços de coordenação de missão em nível mundial. Eu quero reconhecer com satisfação que tanto o movimento de Lausanne e particularmente a Aliança Evangélica Mundial fizeram importantes tentativas de mais coordenação e disciplina mútua em missão, de maneiras muito semelhantes a algumas das principais preocupações do CMI. Nós devemos tentar mais encontrar e falar com pessoas sobre isso. Mas existem muitas igrejas e movimentos evangélicos, pentecostais e neo-pentecostais para quem a disciplina como aquela sonhada em Edimburgo não é – ou não é ainda – um tópico de discussão. Ademais, o trabalho só tem começado a construir autênticos contatos de cooperação em missão entre igrejas há muito tempo estabilizadas e igrejas mais recentes de outras origens culturais no Norte e no Sul. Finalmente, na competição econômica globalizada e na ideologia neo-liberal, o **denominacionalismo** está crescendo inclusive entre igrejas mais antigas: cada uma na tentativa

4 §§ 68-77

de fortalecer sua própria identidade e características que a tornam "única". No ponto inicial de um novo século, nós sentimos que estamos mais uma vez lidando com preocupações similares às de nossos antepassados em 1910.

Nós somos todos membros do mesmo corpo de Cristo – apesar de nossas diferenças eclesiásticas. A que tipo de disciplina isso nos chama? Como nós podemos definir "cortesia" de um modo que seja sustentável nas condições econômicas e culturais presentes? O CMI está pronto para trabalhar com suas igrejas membros, mas também, mais amplamente, com redes de missões e desenvolvimento para encontrar respostas contemporâneas e críveis às preocupações da comissão VIII.

2. Missão e Unidade – eclesiologia e missão

Em quase todas as páginas do relatório da comissão VIII, pode-se perceber uma grande defesa de se buscar uma unidade muito maior do que parecia possível e razoável se esperar naquele tempo. Considerava-se uma igreja unida aquela que tivesse maior sucesso em missão *e* também tivesse seu alvo essencial em missão: "para atingir o último e mais elevado fim de todo o trabalho missionário – o estabelecimento nessas terras não cristãs da Igreja de Cristo – a real unidade deve ser alcançada"[5].

A comissão VIII conseguiu formular com clareza fascinante duas importantes maneiras de cumprir a tarefa e o desafio da unidade. Eu resumo na linguagem do relatório:

Para o *primeiro grupo de cristãos*, o essencial está no significado transcendente da fé na trindade, no perdão dos pecados, na vida eterna e nas escrituras cristãs serem autoridade e guia. Os cristãos já estão unidos pela fé e sentem no íntimo essa parceria. Assuntos nos quais ainda diferem – por mais sérios que sejam – aparecem como secundários ou subordinados. Eles devem se reconciliar na unidade essencial que existe. O modelo de cooperação que poderia ser desenvolvido nessa base é o da federação de igrejas na qual cada igreja tem liberdade total de doutrina e política, mas reconhece o ministério e as ordenações das outras, permitindo que membros livremente se transfiram de uma igreja federada para outra. Não seria preciso alcançar uma completa uniformidade. Divisões não seriam impostas em igrejas nascidas do trabalho missionário, mas seria permitiria-se que elas se desenvolvessem para melhor adaptar-se às suas próprias vidas.

Ao contrário, o *segundo grupo* insiste que a enorme e rica tradição cristã deve ser transmitida às novas igrejas. Eles concordam que existe uma unidade essencial, mas consideram que a unidade essencial também está na revelação divina e nos meios da graça. Existe uma responsabilidade em transmitir não apenas o essencial da fé mas também meios de salvaguardá-la para as gerações futuras, em sua terra e no exterior. A forma de organização da igreja não é indiferente, mas incorporam verdades fundamentais, essenciais para o futuro do Cristianismo. Como conseqüência, não se pode juntar-se a uma federação organizada no modelo acima mencionado, porque não há reconhecimento de ministério. A unidade deverá ser procurada com paciência e orações até que possa-se alcançar uma forma na qual tudo isso seja verdade em princípios e as práticas possam ser reconciliadas[6].

A comissão não quis escolher entre essas duas posições, mas achou que era seu dever passar isso para os delegados. No relatório, a necessidade de lidar com diferenças eclesiásticas apareceu mais de uma vez, levando-se em conta sua importância. No entanto, não era tarefa da conferência entrar no debate dessas questões. Também não era recomendado que conferências missionárias e outros meios de cooperação fizessem isso. Mas curar as divisões e a unidade quebrada, bem como

5 p. 5

6 p. 137

a demonstração visível da unidade, definitivamente estavam entre as maiores preocupações dos missionários e líderes de igrejas participantes em Edimburgo.

Edimburgo também levantou outros fatores teológicos que prejudicam a unidade. A comissão aceitou um pedido urgente de correspondentes argumentando que "igrejas nacionais" deveriam ser encorajadas. Obviamente houve discordância na comissão sobre essa questão. O relatório aponta o perigo de igrejas serem levadas a favorecer antagonismos nacionais e limitadas a "uma nação", poderiam ofender o princípio da unidade. Finalmente, a comissão encontrou uma posição intermediária:

> *Nós desejamos apenas enfatizar a importância de plantar uma igreja unida, que possa incorporar tudo o que há de mais profundo e verdadeiro na vida nacional e que possa tornar possível que as capacidades nacionais de intelecto e de caráter possam contribuir para o maior alargamento possível da perfeita e completa interpretação do Senhor Jesus Cristo, o filho do homem*[7].

Comentários e desenvolvimentos

É fascinante como uma conferência que decidiu não levantar questões de divisão teológica de fato enfatizou a importância da unidade visível e eclesiástica da igreja de Cristo. Parece que Edimburgo preparou a agenda para o Movimento de Fé e Ordem que começou em Lausanne, Suíça, cerca de 15 anos depois (1927).

O relatório e as decisões de Edimburgo provam que uma reflexão sobre missão não pode e não deve ser separada de questões básicas sobre o que a igreja é, como ela é constituída, quais as suas formas de mandato e de organização, incluindo a disciplina da igreja e o cuidado pastoral.

A relação entre igreja e missão passou a ser particularmente importante no Conselho Missionário Internacional Tambaram conferência de missão em 1938, levando ao que alguns chamaram de um período de pensamento **eclesiocêntrico e ecumênico missionário**. Pode-se considerar que isso durou do meio dos anos trinta até o começo dos anos sessenta. Uma ênfase muito frutífera de fato, que levou à formação do CMI e a incorporação do Conselho Missionário Internacional e o CMI. Durante o mesmo período, a Igreja do Sul da Índia ofereceu em 1947 tanto um modelo de unidade como uma forma de integração de missão e igreja, em particular em razão da personalidade de Lesslie Newbigin, uma figura chave em todos esses debates. O legado desse tempo é mantido e desenvolvido em encontros regulares das igrejas unidas e em vias de se unir, muitas delas nascidas durante aquele período e em países do Sul. De algum modo, essas igrejas e seu movimento encarnaram uma das mais preciosas visões abrangidas no relatório da comissão VIII: ter uma igreja unida de Cristo como conseqüência e portadora da missão.

Entretanto, logo ficou claro que esta espécie do movimento em direção à unidade não pode ser generalizada, e que algumas perguntas eclesiológicas que são destacadas no relatório da comissão VIII pediam outras abordagens para levar a sério o número crescente de igrejas Ortodoxas no CMI e as novas relações com a Igreja Católica Romana depois do Vaticano II.

Em 1961, o Conselho Missionário Internacional se incorporou com (e não "ao") CMI, e isso marca uma das mais importantes conseqüências do trabalho começado em Edimburgo, tanto no que se refere à cooperação como em termos de interdependência entre missão e igreja. A **integração** aconteceu não só em nível mundial com a formação da Divisão de Missão e Evangelismo Mundial na CMI, mas também em nível nacional em vários países. Isso se tornou um dos **maiores pontos de debate entre cristãos da corrente da missão evangélica e cristãos da corrente**

---

7 p. 9

missão conciliar ou ecumênica. Parece que as questões levantadas durante o final dos anos 50 e no começo dos anos 60 não foram ainda suficientemente resolvidas. Nós ainda precisamos "curar nossas memórias", o que eu considero muito importante para qualquer progresso em cooperação em 2010 e em diante.

Deixe-me tentar resumidamente mencionar o que está em jogo:

Primeiro, é essencial encontrar formas estruturais da vida da igreja que mostrem que a responsabilidade final pela missão é da igreja e não de alguns grupos de cristãos ou de organizações de fora da igreja. Mateus 28 é endereçado a todos os discípulos e não apenas a poucos especialistas. Quem deve tomar decisões em termos de missão são os líderes da igreja ou pessoas que se reportem a eles e à igreja. Integração nesse sentido é um ponto essencial "sem volta" na missiologia ecumênica.

Segundo, um dos mais importantes medos levantados pela integração era e é que as autoridades e políticas da igreja impediriam a liberdade missionária e que os missionários assumam riscos para permitir que o Evangelho cruze novas fronteiras. Essa é uma preocupação séria, como aparece já na Bíblia nos conflitos entre Tiago e Pedro ou Tiago e Paulo. Manter a unidade dentro de uma comunidade existente pode estar em conflito com mover-se em direção a novas formas de aculturação do Evangelho entre novos grupos de pessoas ou novos setores da sociedade. Sim, a missão pode colocar em perigo as formas existentes de igreja ou unidade, do mesmo modo que a profecia. É então essencial salvaguardar tanto a responsabilidade final das igrejas como a liberdade de se comprometer com missão. As formas podem variar, como se pode perceber com a existência de congregações missionárias na Igreja Católica Romana, a missão vai além das igrejas do livre evangelho e suas missões (muitas das quais praticam a integração) ou a história da CMME com o CMI. Nós todos devemos nos esforçar para encontrar um equilíbrio adequado entre liberdade e responsabilidade.

O **terceiro problema** pode muito bem ser o mais importante. Visto em retrospectiva, o movimento em direção à integração da missão e da igreja e a formação da nova CMI depois de 1961 se tornaram paralelos à intensiva busca de envolvimento na transformação da sociedade no Norte e no Sul. Deve-se admitir que nos anos sessenta e no começo dos anos setenta, a missão da igreja estava de algum modo neglicenciada pelo discurso missiológico da CMI. A ênfase era em discernir a missão de Deus no mundo secular e no envolvimento sócio-político de cristãos para a libertação e para a paz ao invés de no papel da igreja e na importância do evangelismo. Enquanto nós nos movemos em direção a 2010, nós precisamos desembrulhar a história e distinguir o quanto do desenvolvimento teológico estava realmente ligado à idéia de que a missão depende da igreja e vice-versa, e o quanto disso era uma resposta a situações políticas específicas.

Um **ponto de mudança** é encontrado na Afirmação Ecumênica de Missão e Evangelismo de 1982, que é ainda o documento oficial da CMI em missão:

> *A missão da igreja decorre da natureza da igreja como o corpo de Cristo, que compartilha no ministério de Cristo como Mediador entre Deus e a sua criação. Essa missão de mediação em Cristo envolve dois movimentos integralmente relacionados – um de Deus para a criação e outro da criação para Deus. A igreja manifesta o amor de Deus pelo mundo em Cristo – através de feitos e palavras, na identificação com toda a humanidade, em devotado serviço e alegre proclamação; a igreja, naquela mesma identificação com toda a humanidade, leva a Deus sua dor e sofrimento, esperança e anseio, alegria e gratidão na oração de intercessão e no culto eucarístico. Qualquer desequilíbrio entre essas duas direções do movimento de mediação adversamente afe-*

ta nosso ministério e missão no mundo[8].

Enriquecida pelas contribuições de Católicos e Evangélicos e levando mais a sério seu eleitorado Ortodoxo, a CMI continuou a se direcionar para uma afirmação renovada da relação entre igreja e missão. A CMME trabalhou durou para manter um entendimento holístico da *missio Dei* mantendo o estabelecimento escatológico do reino da justiça e do amor de Deus como o horizonte geral da missão. De 1982 em diante, mas particularmente a partir dos anos 90, a CMME revisitou o chamado específico da igreja para testemunhar de Cristo e para formar comunidades de reconciliação e cura, como parte da *missio Dei* e não oposta a ela. A formulação do tema da conferência missionária mundial em Atenas em 2005 relatou *missio Dei* e *missio ecclesiae* de uma maneira mais clara do que antes. A língua e o conteúdo do trabalho de CMME vieram assim muito próximos do estudo da Comissão de Ordem e Fé sobre *A natureza e a missão da igreja*.

Nós pensamos que essas são boas preparações para a contribuição que o CMI quer fazer para as celebrações de 2010. O ano seguinte também vai nos permitir lembrar de Nova Délhi 1961, como o momento chave no qual a afirmação teológica da íntima ligação entre missiologia e eclesiologia tomou uma forma interdenominacional e institucional em nível mundial. Nós temos 50 anos de experiência e de disputa teológica sobre a relação entre igreja e missão. Nós sabemos que compartilhamos essa preocupação com as igrejas Católica Romana e Católica Ortodoxa, bem como com um número de missiologistas e líderes missionários de organizações e igrejas evangélicas. Nós queremos fazer o que for possível para aprofundar o diálogo com todos.

3. Da "evangelização do mundo nessa geração" para "a missão dessa geração num mundo globalizado"

O lema famoso de Edimburgo não era a questão dos debates de comissão VIII. Parece, contudo, importante incluir nesta apresentação uma reflexão sobre o modo que nosso entendimento de missão mudou desde que 1910 e como formularíamos as prioridades mais urgentes em missão de um ponto de vista ecumênico à medida que nos aproximamos de 2010.

O mundo mudou profundamente desde 1910 e apesar de todos os esforços missionários de todas as igrejas, incluindo o crescimento impressionante do pentecostalismo, existem hoje ainda tantos ou poucos cristãos no mundo como no tempo de Edimburgo, ou seja, aproximadamente um terço da população mundial. Falando de modo realístico, não faz sentido assim somente repetir o lema de Edimburgo. Os debates durante a toda história do Conselho Missionário Internacional indicam o tamanho de questões, interesses e lutas que eram considerados chave para nossos antepassados missionários. Pense envolvimento deles na questão de racismo, paz, educação, saúde, injustiça econômica, secularização, entre outros. Quando o CMI defende uma aproximação holística da missão, está na tradição do movimento missionário e não o abandonou por política. Isso certamente não deve ser interpretado no sentido de que não existe nada a ser criticado no CMI! Mas é preciso ter discernimento do que precisamente é fiel e do que é infiel ao Evangelho... ou à tradição de Edimburgo.

É claro que nós temos experimentado no meio de último século uma mudança significativa com o entendimento da missão antes de tudo como interesse e envolvimento de Deus, expressado desde Willingen 1952 pelo famoso conceito de *missio Dei*. Isto foi um momento decisivo no sentido que a questão da fidelidade não era apenas ligada ao melhor meio pelo qual a igreja podia satisfazer uma grande comissão, mas ao discernimento da própria presença e ação do Deus trino no mundo, dentro e fora da comunidade cristã fiel. O novo lema que poderia ter sido "a missão de Deus para essa geração" levou à libertação da missão de formas legalistas de interpretação do comando de Jesus sobre missão

8 § 6

e permitiu uma abertura a um novo e surpreendente envolvimento do Espírito com toda a humanidade. Em particular nos anos sessenta e ao perto da assembléia de Uppsala do CMI, um foco específico em humanização de estruturas e o desenvolvimento dos povos[9] deu forças a milhares de comunidades de pobres e marginalizadas, vítimas do colonialismo, para levantarem, sentirem-se chamadas por Deus, respeitadas e libertadas para uma esperança realista de mudança em direção a uma representação exata dos valores mais íntimos do evangelho. Isso pode ter sido relacionado com interpretações extremas de missão e com apreciações algumas vezes acríticas do desenvolvimento político e social. Movimentos de missão evangélica reagiram fortemente contra essas tendências que eles consideravam inaceitáveis meios de "Evangelho social". Nós partimos para uma enorme discussão, desastrosa para o movimento de missão em geral e que afastou os esforços para mais unidade. Enquanto nós olhamos para 2010 em diante, nós devemos encontrar um modo de confessar exageros mútuos e desrespeito e progredir *nessa geração* com a cura de memórias no caminho de um autêntico processo de reconciliação.

O pacto de Lausanne de 1974 surgiu no auge do conflito. Graças ao reconhecimento que dava à importância tanto do evangelismo (considerado como sendo prioridade) e o envolvimento sociopolítico na missão, ele direcionou o primeiro passo em direção a uma abordagem renovada da missão. No âmbito do CMI, após os debates na assembléia de Nairóbi e a publicação da encíclica "Evangelii nuntiandi", do Papa Paulo V, chegamos a uma nova fórmula sintética da missão na Afirmação Ecumênica de 1982. A missão fundamental dupla da igreja já foi citada aqui, mas é preciso que nos lembremos de outra formulação essencial para a nossa busca por uma fé renovada:

> *Não há evangelismo sem solidariedade; não há solidariedade cristã que não envolva compartilhar o conhecimento a respeito do Reino que é a promessa de Deus para os pobres do mundo. Há um teste duplo de credibilidade: a proclamação que não traz consigo as promessas de justiça do Reino aos pobres da Terra é uma mera caricatura do evangelho; a participação cristã nas lutas por justiça sem apontar para as promessas do Reino, no entanto, também produzem uma caricatura do entendimento cristão de justiça*[10].

Essa é a verdadeira missão como ainda a concebemos.

O mundo mudou profundamente em comparação ao contexto em que os debates acima ocorreram —não se pode esquecer que todo o debate sobre missões no século XX estava imerso no conflito entre capitalismo e socialismo que se deu entre 1918 e 1989. Desde então, vivemos num mundo polarizado unilateralmente, com uma superpotência e sua estrutura econômica e política que é por vezes denominada "império". Com a ascensão de novos poderes no leste da Ásia e o desenvolvimento tanto da Europa quanto da América Latina, o contexto político pode ser modificado nas próximas décadas. Ainda assim, continuamos nos confrontando com a globalização e suas conseqüências econômicas e culturais, muitas delas nocivas para a humanidade e a criação. Ao mesmo tempo, o panorama do cristianismo foi profundamente alterado, com forte aceleração do crescimento das igrejas neocarismáticas nos últimos 30 anos. Edimburgo não era um dos centros missionários mais vigorosos em 1910 e permanecerá na periferia das maiores correntes cristãs em 2010. Os baluartes da espiritualidade cristã se deslocaram para o sul e para o oriente, ainda que os centros do poder formal permaneçam ainda por algum tempo no hemisfério norte. Quais seriam então as prioridades para a missão nesta geração?

Na verdade, fico tentado a citar um artigo da constituição do CMI, pois acredito que ele fornece as diretrizes para entendermos o que é missão ao mesmo tempo em que abrange a ênfase de Edimburgo na cooperação, unidade e missão:

> *O propósito essencial da comunidade de igrejas que formam o CMI é exortarmos uns aos outros à unidade visível numa só fé e comunidade eucarística, expressas na adoração e na vida comum em Cristo* através do testemunho e do serviço ao mundo*, e avançarmos em di-*

9 Era o período da encíclica *Populorum progressio.*

10 § 34

reção à unidade para que o mundo venha a crer[11].

Dois eventos futuros poderão nos ajudar a definir quais serão as prioridades no testemunho cristão nos próximos meses e anos:

A primeira reunião do **Fórum Cristão Global**, agendada para novembro deste ano, é uma tentativa de criar um espaço de diálogo em nível internacional para representantes das maiores igrejas e movimentos cristãos desta geração. O número de igrejas e movimentos missionários convidados será muito maior que em 1910. A conferência de missões mundiais mais recente, em Atenas, foi uma amostra do que será o Fórum. Oportunidades de encontro e diálogo como esta parece ser crucial para que as mudanças aparentes no cristianismo sejam reconhecidas publicamente. Em conseqüência das estruturas do século anterior, alguns dos movimentos missionários mais dinâmicos provavelmente fazem parte de tradições cristãs que não estavam representadas em nenhum dos fóruns formais anteriores. Logo, devemos imaginar novas fórmulas de encontros e diálogos para dar visibilidade e crédito à revolução espiritual trazida pelos movimentos e igrejas pentecostal e carismático. Esta é uma pré-condição para que comecemos a estabelecer um diálogo teológico frutífero sobre prioridades de disciplinas em missão. **Nesse sentido, uma nova Edimburgo será necessária**, e pode-se apenas torcer para que a comemoração que prevemos para 2010 seja um passo nesta direção! A história do Conselho Missionário Internacional e da CMME traz lições importantes de acertos e erros em missões, dos quais alguns dos movimentos mais recentes baseados no hemisfério sul se beneficiaram. Ao mesmo tempo, as tradições cristãs mais antigas precisam da experiência revigorante e teologizante no Espírito Santo se desejam que as sua própria motivação missionária e evangelística seja renovada.

Preparamos uma **convocação à paz e à justiça** para 2011 que será o desfecho da *Década para superação da violência*. No atual contexto mundial de crescimento da tendência de se justificar, em todos os níveis, a violência em conflitos, esta é uma prioridade. Particularmente porque todas as religiões, incluindo o cristianismo, estão sendo cada vez mais usadas para alimentar conflitos e, portanto, potencializar os efeitos destrutivos ao absolutizar as questões envolvidas. Fundamentalistas de todas as religiões, inclusive a nossa, unem-se a fundamentalistas ideológicos ou nacionalistas para impor as suas concepções através da tomada do poder e da força. É urgente uma reação contra essa tendência que é a forma moderna da maior tentação pela qual o nosso Senhor passou, logo no início do Seu ministério. Acreditamos que é a verdade do Evangelho que está em jogo, pois a morte de Cristo na cruz é o centro da nossa mensagem confirmada na Páscoa: Deus escolheu não dominar o mundo "de cima" através de um Messias com um reino político, mas ofereceu-se para nos alcançar "aqui embaixo", através da pessoa do servo sofredor. A convocação destacará o melhor dos ideais defendidos no âmbito do Conselho Missionário Internacional, onde o empenho pela paz está no topo das prioridades[12]. Convocamos a todos para combater a lógica e a ideologia da violência, as estruturas e tradições, os sistemas políticos e econômicos que favorecem e intensificam a violência e a destruição tanto da humanidade como da criação de Deus.

É particularmente urgente que a missão seja compreendida e praticada de forma a não produzir o aumento do ódio e da violência. Assim, acreditamos que alguns métodos devem ser rejeitados, ainda que sejam "eficientes" no curto prazo. Missões, como costumamos dizer, deve ser "à maneira de Cristo", caso contrário deve ser questionada. Nesse sentido, esperamos que 2010 e 2010 nos permitam progredir na elaboração de melhores teorias e práticas de evangelização não agressiva ou não violenta, ao mesmo tempo mantendo o testemunho confiante de Cristo e do reino de Deus sob tensão criativa no que diz respeito aos homens, mulheres e crianças de todos os credos, todos criados à imagem de Deus. Esta é uma das razões pelas quais estamos envolvidos com as igrejas católica romana, pentecostais e evangelicais em busca de um código de conduta da conversão. Em Atenas, conseguimos apontar a importância capital da

---

11 Constituição do CMI, artigo III. Termos relacionados a missão foram colocados em itálico, diferente do original.

12 Vale relembrar que o Conselho Missionário Internacional contribuiu para a criação da Comissão de Igrejas para Relações Internacionais até antes da existência do CMI.

multiplicação das comunidades de cura e reconciliação, cuja influência irradiadora e benéfica podem levar a este evangelismo ecumenicamente responsável.

O CMI não abandonou a evangelização, mas acreditamos que esta deve ser parte integrante de uma missão holística e que precisamos estar conectados à iluminação e radiação vindas de comunidades missionárias pujantes. A evangelização ecumenicamente responsável deve ser uma proclamação que, embora crítica do orgulho e do pecado do homem, deixa claro que Deus deseja a paz e não a guerra, a vida e não a morte, a unidade e não a divisão, o perdão e não a vingança.

Por que devemos insistir tanto na necessidade de superarmos a violência e promovermos a justiça, a paz e formas não agressivas de testemunho? O marco e a visão de Edimburgo são maravilhosos. Contudo, o desafio mais radical a Edimburgo não veio dos teólogos liberais ou dos primeiros missiologistas ecumênicos, mas foi trazido pela Primeira Guerra Mundial apenas quatro anos depois de Edimburgo - a violência resultante de disputas exacerbadas de poder nacionalista e de ideologias por nações “cristãs”, onde estavam as sedes de todas as missões da época. Que testemunho contra nós mesmos do qual, pelo menos no sul, ainda não conseguimos nos livrar!

A missão desta geração no mundo globalizado inclui reparar as divisões do cristianismo, construir comunidades terapêuticas e de reconciliação, questionar as justificativas da violência, buscar a paz como dom de Deus e compartilhar o Evangelho à maneira de Cristo.

Para nos prepararmos para essa missão, devemos orar para que o Espírito Santo nos desafie, guie e transforme, tanto como pessoas quanto como igrejas, para que o mundo creia e seja transformado.

Para mais informações Misiopedia sugere:

A página web de Edimburgo 2010: http://www.edinburgh2010.org

A página web de Lausane 2010: http://www.lausanne.org/language.html?lid=4

O documento do CMI a respeito do pluralismo e identidade cristã: http://www.oikoumene.org/en/resources/documents/other-meetings/mission-and-evangelism/athens-2005-documents/preparatory-paper-n-13-religious-plurality-and-christian-self-understanding.html

O relatório da WEA do encontro Católico-Evangélico sobre Koinonia. A 4ª parte trata do tema da evangelização: http://www.eauk.org/theology/wea/upload/church_evangelization_and_the_bonds_of_koinonia.pdf

O recente comunicado de Carlos Scott, ex-presidente do COMIBAN internacional: “Una mirada de esperanza hacia el futuro” : http://misiopedia.com/es/misiones/60-mirada-al-futuro.html